



REFLEXÕES SOBRE O PRÓLOGO DO LEGENDÁRIO ABREVIADO DE JOÃO GIL DE ZAMORA¹

REFLEXIONES SOBRE EL PRÓLOGO DEL LEGENDARIO ABREVIADO DE JUAN GIL DE ZAMORA

ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Os prólogos surgiram na Antiguidade. No Medievo, os autores mantiveram a prática de incluir prólogos em seus escritos. Contudo, tais textos não possuem homogeneidade. Assim, têm despertado o interesse de estudiosos de diversas áreas, suscitando muitas questões. Nesse artigo, proponho uma tradução e discuto o prólogo do Legendário Abreviado de João Gil de Zamora. Esse livro, composto em latim e em prosa em fins do século XIII, apresenta narrativas sobre festas e santos celebrados tanto localmente quanto pela Igreja Romana. Essa obra foi transmitida por um único manuscrito, que está incompleto. O prólogo elaborado por João Gil para essa obra combina topoi com aspectos mais particulares, que, por um lado, relacionam-se a dinâmicas internas da Ordem dos Menores e, por outro, a trocas com a produção textual dos frades pregadores.

PALAVRAS-CHAVE: PRÓLOGO; LEGENDÁRIO; ABREVIADO; MENDICANTES.

RESUMEN

Los prólogos aparecieron en la antigüedad. En la Edad Media, los autores mantuvieron la práctica de incluir prólogos en sus escritos. Sin embargo, tales textos no son homogéneos. Por lo tanto, han despertado el interés de estudiosos de diferentes áreas, planteando muchas cuestiones. En este artículo propongo una traducción y discuto el prólogo del Legendario Abreviado de Juan Gil de Zamora. Este libro, compuesto en latín y en prosa a fines del siglo XIII, presenta narraciones sobre fiestas y santos celebrados tanto localmente como por la Iglesia romana. Este trabajo fue transmitido por un solo manuscrito, que está incompleto. El prólogo preparado por Juan Gil para esta obra combina topoi con aspectos más particulares, que, por un lado, se relacionan a dinámicas internas de la Orden de Menores y, por otro lado, a intercambios con la producción textual de los frailes predicadores.

PALABRAS-CLAVE: PRÓLOGO; LEGENDÁRIO; ABREVIADO; MENDICANES.

¹ Esse artigo retoma e amplia as reflexões apresentadas oralmente na XV Semana de História Política, organizada pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em História Política da UERJ, realizada entre os dias 3 a 12 de novembro de 2021

² Professora Titular do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNPq) e Cientista de Nosso Estado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Esse artigo está vinculado aos projetos de pesquisa O Legendário Abreviado de João Gil de Zamora entre o global e o local, realizado com o financiamento do CNPq, e Os legendários abreviados mendicantes, a temática do martírio e a construção medieval da memória de santos venerados no Rio de Janeiro, financiado pela Faperj.

INTRODUÇÃO

Os prólogos não são invenções da Idade Média e já figuravam nos textos da Antiguidade. Ao manterem a prática de incluir prólogos em seus escritos, os medievais, contudo, introduziram mudanças, o que é constatado pela falta de homogeneidade de tais materiais. Assim, tais prólogos da têm despertado o interesse de estudiosos de diversas áreas, que discutem as especificidades deste gênero literário³ no Medievo.

Nesse artigo, a partir de um panorama sobre trabalhos dedicados aos prólogos medievais nos últimos 30 anos (1992-2022), proponho um estudo de caso: o prólogo do Legendário Abreviado de João Gil de Zamora. Essa obra foi composta em fins do século XIII, em latim e em prosa, e transmitida por um único manuscrito medieval, que se encontra incompleto. Seus capítulos abordam festas e santos celebrados nas dioceses eclesiásticas. No decorrer do texto, discuto como o prólogo egidiano combina *topoi* com aspectos mais singulares e se relaciona a dinâmicas da Ordem dos Menores no noroeste ibérico. Também apresento uma tradução para o português do material, a partir da edição bilingue, espanhol - latim, preparada por José Carlos Martín Iglesias y Eduardo Otero Pereira.⁴

ESTUDOS SOBRE OS PRÓLOGOS MEDIEVAIS (1992-2022)

Uma pesquisa realizada nas bases de dados bibliográficas Google Acadêmico, Dialnet, Persee e Academia.edu permitiu verificar que medievalistas, nacionais e estrangeiros, têm se dedicado à análise dos prólogos. A partir da palavra “prólogo” e suas variações em outras línguas (*prologue* e *prolog*) presentes unicamente nos títulos, priorizando estudos sobre textos redigidos entre os séculos IV ao XVI e considerando somente publicações dos últimos 30 anos (1992-2022), foram encontradas 329 referências publicadas,⁵ que correspondem a artigos, capítulos de livros, trabalhos em anais de eventos acadêmicos, livros autorais e coletâneas. Devido aos critérios de busca utilizados, esse conjunto não corresponde ao total de materiais publicados sobre os prólogos no medievo nas três últimas décadas, mas se configura como uma amostragem significativa.

Os títulos inventariados estão redigidos em português, espanhol, inglês, francês, italiano e alemão e foram escritos por pesquisadores vinculados a diferentes instituições localizadas em vários países. A partir dos textos aos quais tive acesso, posso indicar algumas dessas instituições, tais como

³ Seguindo a proposta de Jacqueline Hamesse, adoto a expressão “gênero literário” para caracterizar o prólogo. Cf. Introduction. In: _____. (ed.). COLLOQUE INTERNATIONAL. LES PROLOGUES MÉDIÉVAUX. 1998, Roma. *Actes...* Turnhout: Brepols, 2000.pp. ix- xxiii.

⁴ JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollempnizat*. Introdução, edição crítica e tradução anotada por Jose Carlos Martín Iglesias, em colaboração com Eduardo Otero Pereira. Zamora, Instituto de Estudios Zamoranos, 2014.

⁵ No decorrer da pesquisa bibliográfica foram encontrados diversos textos que apresentam reflexões de pesquisas, como relatórios, monografias, dissertações e teses, mas que não foram publicados. Esses materiais não foram contabilizados. Sublinho, ainda, que só tive acesso ao texto, parcial ou integral, de 122 títulos.

National Taiwan University, Radboud University Nijmegen, Catholic University of Leuven, Universidade Federal de Santa Catarina, Tel Aviv University, Universidad Complutense de Madrid, University of Nottingham, Karadeniz Technical University, University of Saskatchewan, Université d'Artois, Norsk institutt for kulturminneforskning, Universidade Nacional de San Martín, Université de Birmingham, Universidade Nova de Lisboa, Université Bordeaux III, Harvard University, University of Oxford, Université de Montréal.

As publicações apresentam reflexões em distintas perspectivas: filológicas, literárias, linguísticas, jurídicas, filosóficas, teológicas e históricas. Os materiais analisam prólogos produzidos, sobretudo, em ambientes cristãos, mas também há abordagens de textos de autores judeus e muçulmanos.⁶ As temáticas das investigações são variadas. Há estudos sobre aspectos formais das fontes;⁷

⁶ Tais como: MARÍN RIVEROS, José, MELO CARRASCO, Diego. “El Mediterráneo como “comunidad retórica”: Los paratextos prologales y la temprana historiografía árabo-islámica”. In: *Estudios Filológicos*, 2020, n. 65, pp. 153-167; GUTWIRTH, Eleazar. “Rabbi Mose Arragel and the art of the prologue in fifteenth century castile” In: *Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea*, 2015, T. 66, n. 195, pp. 187-212; AKASOY, Anna. “Reading the Prologue of Ibn Sabin’s Sicilian Questions” In: *Schede medievali*, 2007, n. 45, pp. 15-24; MANDALÀ, Giuseppe. “Il prologo delle “Risposte alle questioni siciliane” di Ibn Sabin come fonte storica. Politica mediterranea e cultura arabo-islamica nell’età di Federico II” In: *Schede medievali*, 2007, n. 45, pp. 25-94; WAJS, Galia Pik. “El midrash y la hagadá, fuentes de la iconografía bíblica del prólogo miniado de la Hagadá de Sarajevo” In: *De Arte*, 2005, n. 4, p. 17-34.

⁷ Cf., dentre outros: CASTRO, Enrico. “Sources And Analogues: The “Invocacio Ad Mariam” In Chaucer’s “The Second Nun’s Prologue”” In: *Parole Rubate*, 2018, n. 18, pp. 139-161; BRATU, Christian. “Prologues as “Locus Auctoris” in Historical Narratives: an Overview from Antiquity to the Middle Ages” In: *Mediaevistik: Internationale Zeitschrift für interdisziplinäre Mittelalterforschung*, 2015, n. 28, pp. 47-65; ERIKSEN, Stefka Georgieva. “Materiality and Textuality of Les Lais of Marie de France and Strengleikar – A Case Study of the Prologue and Laustic”. In: JOHANSSON, Karl G., FLATEN, Rune. (ed.). *Francia et Germania. Studies in Strengleikar and Þiðreks saga af Bern*. Oslo, Novus Forlag, 2012, pp. 179-201; CAMPOS GARCÍA-ROJAS, Axayácatl. “Estructura onírica y configuración del «Prólogo literario» en el Espejo de príncipes y caballeros (Parte III): la aventura de Marcos Martínez” In: FRADEJAS RUEDA, José Manuel, DIETRICK, Deborah Anne, DÍEZ GARRETAS, María Jesús, MARTÍN SANZ, Demetrio (coord.) In *Memoriam Alan Deyermond. CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL 13. 2009. Valladolid. Actas ...* Valladolid, Asociación Hispánica De Literatura Medieval, 2010, pp. 503-518; RADY, Martyn. “The Prologue to Webžczy’s Tripartitum and its Sources” In: *English historical review*, 2006, v. 121, n. 490, pp. 104-145; CARELLA, Bryan. “The source of the Prologue to the Laws of Alfred” In: *Peritia: Journal of the Medieval Academy of Ireland*, 2005, n. 19, pp. 91-118; SÁNCHEZ MANZANO, María Asunción. “Tipología literaria de los prólogos de Benito Arias Montano a la Biblia Regia” In: VV. AA. *El humanismo extremeño*. Trujillo: Real Academia de Extremadura, 2001, pp. 103-112; ENCUESTRA ORTEGA, Alfredo. “Christianorum Flaccus: estructura y significado del prólogo y el epílogo de Prudencio” In: BARRIOS CASTRO, María, EMILIO CRESPO, José (coord.). *CONGRESO ESPAÑOL DE ESTUDIOS CLÁSICOS*, 10. 1999. Madrid. *Actas...* Madrid, Sociedad Española de Estudios Clásicos, 2001. V. 2, pp. 347-355; MENEGALDO, Silvere. “Prologues et épilogues «lyriques» dans le roman de chevalerie en vers aux XIIe et XIIIe siècles: quand le narrateur est amoureux” In: *Bien dire et bien apprendre*, 2001, n. 19, pp. 149-165; ORTIJO OCAÑA, Antonio. “A Morphological Study on the Prologues and Epilogues of the Fabliaux: A Rhetorical Approach” In: *Romanische Forschungen*, 1998, v. 110, n. 2, pp. 185-201; GREENWOOD, Maria Kasia. “Chaucer et Byron: les narrateurs dans le General Prologue of The Canterbury Tales et le début de Don Juan” In: *Bulletin des anglicistes médiévistes*, 1993, n. 43, pp. 700-725; NOOMEN, Willem. “Auteur, narrateur, récitant de fabliaux: le témoignage des prologues et des epilogues” In: *Cahiers de civilisation médiévale*, 1992, n. 140, pp. 313-350; HILTY, Gerold. “El “Prólogo” del Libro del Cauallero Çifar estructuras lingüísticas y fidelidad histórica” In: ANDRES SUÁREZ, Irene, COLÓN I DOMÈNECH, Germà, LARA POZUELO, Antonio, SUGRANYES DE FRANCH, Ramon (coord.). *Estudios de literatura y lingüística españolas: Miscelánea en honor de Luis López de Molina*. Lusanne, Sociedad Suiza de Estudios Hispánicos, 1992, pp. 261-274.

relações entre as traduções realizadas no medievo e a composição de prólogos;⁸ comentários de medievais sobre prólogos;⁹ articulação entre prólogos e modalidades de textos, como histórias, romances ou canções de gesta,¹⁰ bem como análises a partir de temas específicos, como as

⁸ Seguem alguns exemplos: PÉREZ BARCALA, Gerardo. “Traducción, tradición y edición: consideraciones desde o prólogo do Tratado de Alveitaria galego” In: *Rev Gal Filo*, 2018, n.19, pp. 107-129; GALDERISI, Claudio. “Traducteurs et auto-traducteurs: remarques sur les prologues de la ‘Consolation de la philosophie’ de Bonaventure de Demena” *Medioevo Romanzo*, 2017, v. XLI, n. 2, pp. 414-419; DEARNLEY, Elizabeth. “*Translators and Their Prologues in Medieval England*” Cambridge, Brewer, 2016; GONZÁLEZ ROLDÁN, Tomás, LÓPEZ FONSECA, Antonio. *Traducción y elementos paratextuales: los prólogos a las versiones castellanas de textos latinos en el siglo XV. Introducción general, edición y estudio*. Madrid, Escolar y Mayo Editores, 2014; MARTINES PERES, Vicent. “Una clave humanista de mediados del siglo XV para el Humanismo de la Corona de Aragón desde fines del siglo XIV: Ferran Valentí y el Prólogo a su traducción de las ‘Paradoxa’ de Cicerón” In: *Estudios Hispánicos*, 2014, n. 22, pp. 105-114; RENCK, Anneliese Pollock. “The Prologue as Site of Translatio Auctoritatis* in Three Works by Octovien de Saint-Gelais” In: *Le Moyen Français*, 2013, v. 73, pp. 89-110; CARRIAZO RUIZ, José Ramón. “Estudio lexicológico de los prólogos originales en las traducciones romances del Arte de navegar de Pedro de Medina (1545): ensayo de lexicografía histórica románica comparada” In: SINNER, Carsten (coord.) *Comunicación y transmisión del saber entre lenguas y culturas*. München, Peniope, 2013, pp. 31-46; MARTINO ALBA, Pilar. “Le Laude de fray Jacopone da Todi en español: tras las huellas del traductor anónimo a través de prólogos y prefacios. Una propuesta de adscripción a fray Felipe de Sosa” In: BUENO GARCÍA, Antonio (coord.). *La labor de traducción de los franciscanos*. Madrid, Editorial Cisneros, 2013, pp. 27-53; CONDE, Juan Carlos. “Prácticas paratextuales y conferencia de capital simbólico: los prólogos a las traducciones del siglo XV en la península Ibérica” In: *Cahiers d’études hispaniques médiévales*, 2012, n. 35, pp. 141-163; HAUBRICH, Wolfgang, PITZ, Martina. “Tradition onomastique et construction de mythes. Les noms des prologues de la loi salique” In: *Nouvelle revue d’onomastique*, 2009, n. 51, pp. 131-166; NOGALES RINCÓN, David. “En torno a la sabiduría en el cuatrocientos castellano: el prólogo a la traducción castellana del De regno ad regem Cypri de Tomás de Aquino dirigida a Fernando el Católico” In: *Memorabilia*, 2009-2010, n. 12, pp. 289-350; BRATSCH-PRINCE, Dawn. “La fuerza del prólogo. La traducción catalana del ‘Liber de modo bene vivendi ad sororem’ de Antoni Canals” In: LÓPEZ CASTRO, Armando, CUESTA TORRE, María Luzdivina. CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, 11. 2005. León. *Actas...* León, Universidad de León, 2007, 2v, V. 1, pp. 349-355; LORENZO MARTÍNEZ, Javier de. “Traducción, autoría e imperio: el caso de los prólogos al libro de ‘El Cortesano’” In: *Bulletin of Spanish Studies*, 2006, v. 83, n 8, pp. 1041-1058; Fernández, ROCIO DEL RÍO. “Los prólogos y las dedicatorias en los textos traducidos de los siglos XIV Y XV: una fuente de información sobre la traducción y la reflexión traductológica” In: *Estudios Humanísticos. Filología*, 2006, n. 28, pp. 165-187; MARTÍNEZ GÁZQUEZ, José. “El lenguaje de la violencia en el prólogo de la traducción latina del Corán impulsada por Pedro el Venerable” In: *Cahiers d’études hispaniques médiévales*, 2005, n. 28, pp. 243-252; VALERO MORENO, Juan Miguel. “Petrarca introduce a Boccaccio: Martín de Avila, intermediario cultural, y el prólogo de la traducción castellana de las ‘Genealogie’: primeros apuntes” In: *Medioevo romanzo*, 2005, v. 29, n. 3, pp. 455-471; SABIO PINILLA, José Antonio. “El concepto de provecho en los prólogos de las traducciones peninsulares del cuatrocientos Literatura y cristiandad” In: RUBIO FLORES, Antonio, DAÑOBEITIA FERNÁNDEZ, María Luisa, ALONSO GARCÍA, Manuel José (coord.). *Homenaje al profesor Jesús Montoya Martínez* (con motivo de su jubilación): estudios sobre hagiografía, mariología, épica, y retórica. Granada, Universidad de Granada, 2001, pp. 673-684; CHARRON, Marc. “Pré-texte(s) et prétexte(s) en traduction: le facteur de prestige des topiques préfaciels dans les traductions françaises du prologue au ‘Lazarillo de Tormes’” In: BARR, Anne, TORRES DEL REY, Jesús, MARTÍN RUANO, María del Rosario (coord.). *Últimas corrientes teóricas en los estudios de traducción y sus aplicaciones*. Salamanca, Universidad de Salamanca, 2001, pp. 126-131; WITTLIN, Curt. “El oficio de traductor según Alfonso Tostado de Madrigal en su comentario al prólogo de san Jerónimo a las Crónicas de Eusebio” In: *Quaderns. Revista de traducción*, 1998, n.2, pp. 9-21.

⁹ Dentre otros, ver VARELA RODRÍGUEZ, Joel. “Ancora sull’origine del prologo al commentario sul cantico dei cantici di Gregorio d’Elvira” In: *Revue bénédictine*, 2020, v. 130, n. 1, pp. 10-24; STERN, David, MARKSCHIES, Christoph, SHALEV-EYNI, Sarit (ed.). “*The Monk’s Haggadah: A Fifteenth-Century Illuminated Codex from the Monastery of Tegernsee, with a Prologue by Friar Erhard von Pappenheim*” University Park, PA, Penn State University Press, 2015; BLAZEK, Pavel. “Due commenti di Johannes Streler, O. P. (-1459) alle sentenze di Pietro Lombardo. Edizione dei prologhi e tabula quaestionum” In: *Angelicum*, 2014, v. 91, n. 4, pp. 669-726; ÁNGEL MARTÍNEZ, Manuel. “Al principio era el verbo...”. Comentario de Santo Tomás de Aquino al prólogo del Evangelio de San Juan” In: *Ciencia Tomista*, 2012, v. 139, n. 448, pp. 317-350; CASTEIGT, Julie. “Le commentaire du Prologue de l’Évangile de Jean: la relecture par Albert le Grand d’un récit de genèse” In: MAZELLIER-LAJARRIGE, Catherine, BRETEAU, Jean-Louis, FORTANIER, KNOPPER, Marie-José Françoise (dir.). *Récits de genèse: avatars des commencements*. Pessac, Presses universitaires de Bordeaux, 2012, pp. 105-130; NEWMAN, Barbara. “Commentary on the Johannine Prologue: Hildegard of Bingen” In: *Theology today*, 2003, v. 60, n. 1, pp. 16-33; KARDONG, Terrence G. (O.S.B.). “El primer comentador de la Regla de san Benito: Smaragdo. Sobre el prólogo de Benito” In: *Cuadernos Monásticos*, 2012, n. 183, pp. 379- 224; SPENCER, Alice. “Osbern Bokenham reads the ‘Prologue’ to the Legend of Good Women: The Life of St. Margaret” In: BISHOP, Kathleen A. (ed.). *Standing in the Shadow of the Master?: Chaucerian Influences and Interpretations*. Cambridge, Cambridge Scholars Pub., 2010, pp. 160- 203; CHARDONNENS, Denis. “Le verbe, lumière des hommes, selon le commentaire de Bonaventure sur le Prologue de saint Jean” In: *Teresianum*, 2003, n. 54, v. 2, pp. 321-350; AUJOLAT, Noël. “Le pneuma et le corps lumineux de l’âme de”après le prologue du commentaire sur le de anima d’aristote, de Jean Philopon” In: *Byzantinoslavica*, 1998, v. 59, n1, pp. 1-23.

¹⁰ Tais como IZQUIERDO ANDREU, Almudena. “Historia y propaganda: el prólogo del libro de caballería” In: *Tirant*, 2021, n. 24, pp. 157-173; MARÍN RIVEROS, José, MELO CARRASCO, Diego. “El Mediterráneo como ‘comunidad retórica’: Los paratextos prologales y la temprana historiografía árabo-islámica” In: *Estudios Filológicos*, 2020, n.65, pp. 153-167; KRAGGERUD, Egil. “Historia Norwegie: En analyse av skriftets prolog” In: *Collegium medievale: interdisciplinary journal of medieval research*, 2020, n. 33, pp. 51-72; MARÍN RIVEROS, José. “La historia y el historiador. Introducción a la

representações sobre a mulher e o casamento.¹¹ Ressalto que diversos títulos correspondem a edições e/ou traduções de prólogos compostos no medievo.¹²

Historiografía Bizantina a través de sus Prólogos (S. IV-VII) In: *Studi medievali*, 2019, n. 60, v. 1, pp. 29-58; BENÍTEZ GUERRERO, Carmen. “Piezas liminares de la historiografía postalfonsí: edición y análisis del prólogo de la Crónica de tres reyes” In: HERNÁNDEZ, Francisco J., SÁNCHEZ AMEJEIRAS, Rocío, FALQUE REY, Emma (coord.). *Medieval studies in honour of Peter Linehan*. Firenze, Sismel, 2018, pp. 345-372; FUKSAS, Anatole Pierre. “La vérité du roman et l’authenticité du sentiment amoureux d’après le prologue du Chevalier au Lion de Chrétien de Troyes” In: BAKER, C., CAVAGNA, M., CLESSE, G. (dir.). *COLLOQUE ENTRE LE CŒUR ET LE DIAPHRAGME. (D)ÉCRIRE LES ÉMOTIONS DANS LA LITTÉRATURE NARRATIVE ET SCIENTIFIQUE DU MOYEN ÂGE* (2016, Louvain-la Neuve). *Actas...* Louvain-la Neuve, Institut d’études médiévales de l’université catholique de Louvain, 2018, pp. 117-131; MARÍN RIVEROS, José. “La historiografía bizantina tardoantigua, entre literatura e historia. Los paratextos prologales” In: CORTI, Paola, WIDOW, José Luís, MORENO, Rodrigo (ed.). *La verdad en la historia*. Inventio, creatio, imaginatio. Santiago, RIL Editores, 2017, pp. 275-294; CARMONA FERNÁNDEZ, Fernando. “La poética de la verdad en los prólogos del roman en verso del siglo XIII: de Jean Bodel a Jean Maillart” In: MARÍN RIVEROS, José. *Visión de la historiografía tardoantigua y medieval a través de sus prólogos*. In: CARTA, Constance, FINCI, Sarah MANCHEVA, Dora (coord.). *Antes se agotan la mano y la pluma que su historia = Magis déficit manus et calamus quam eius historia: Homenaje a Carlos Alvar*. San Millán de la Cogolla, Cilengua. Centro Internacional de Investigación de la Lengua Española, 2016, 2v. V. 2, pp. 543-564; FERARY, Sonia Gómez-Jordana; BARROS, Israel Sanmartín (dir.). *Temporalidad y Contextos: La interdisciplinariedad a partir de la historia, el arte y la lingüística*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela/Servicio de Publicaciones e Intercambio Científico, 2015, pp. 361-372; FALQUE REY, Emma. “Los prólogos en la historiografía latina medieval: la “Historia Compostelana” y el “Liber Eliensis”” In: *Calamus Renascens: revista de humanismo y tradición clásica*, 2014, n.15, pp. 121-135; BEER, Janette. “Nithard, Charlemagne, and the Contrarian Prologue to the *Historiae de Dissensionibus Filiorum Ludovici PII*” In: *Romance philology*, 2014, v. 68, n.2, pp. 211-220; WARD, Aengus. “El Prólogo Historiográfico Medieval” In: *Cahiers d’études hispaniques médiévales*, 2012, n. 35, v. 1, pp. 61- 77; D’ANGELO, Edoardo. ““Philologia ancilla historiae”: i prologhi storiografici normanno-svevi e il contributo dell’ecdotica e della filologia” In: *Filologia mediolatina: rivista della Fondazione Ezio Franceschini*, 2010, n. 17, pp. 105-135; JEAN-MARIE, Stéphanie. “El prólogo de la “Historia de rebus Hispaniae” de Rodrigo Jiménez de Rada: escritura y discurso” In: LÓPEZ CASTRO, Armando, CUESTA TORRE, María Luzdivina (coord.). *CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL*, 11., 2005, León. *Actas...* León, Universidad de León, Servicio de Publicaciones, 2007, 2v., V.2, pp. 713-720; CROIZY-NAQUET, Catherine. “Prologues et épilogues dans quelques textes historiques du XIIIe siècle” In: *Bien dire et bien apprendre*, 2001, n. 19, pp. 77-90; BENNETT, Philip E. “Des jongleurs et des rois: réflexions sur le “prologue” du “Couronnement de Louis”” In: *Medioevo romanzo*, 1997, v. 21, n. 2-3, pp. 296-312; HARF-LANCNER, Laurence. “Le Florimont d’Aimon de Varennes: un prologue du Roman d’Alexandre” In: *Cahiers de civilisation médiévale*, 1994, n. 147, pp. 241-253; MUTERSPAUGH, Susan Delain. *The prologue in medieval French epic and romance*. New York, New York University, 1994; GUYOT-BACHY, Isabelle. “Les prologues du *Memoriale Historiarum* de Jean de Saint-Victor” In: *Journal des savants*, 1993, n. 2, pp. 235-254.

¹¹ Alguns exemplos são: O’NEILL, Rosemary. “Freedom and Choice: Postnuptial Negotiation, the Flich of Bacon Custom, and the Woe of Marriage in The Wife of Bath’s Prologue and Tale and The Book of Margery Kempe” In: ROWLEY, Sharon M. (ed.). *Writers, Editors and Exemplars in Medieval English Texts*. Cham, Palgrave Macmillan, 2021, pp. 101-124; IZQUIERDO ANDREU, Almudena. “La dama encubierta: la mujer como personaje literario en el prólogo del libro de caballerías” In: *Tirant*, 2017, n. 20, pp. 59-84; PARSONS, Ben. “Beaten for a Book: Domestic and Pedagogic Violence in The Wife of Bath’s Prologue” In: *Studies in the Age of Chaucer*, 2015, v. 37, n. 1, pp. 163-194; MCTAGGART, Anne. “What Women Want?: Mimesis and Gender in Chaucer’s Wife of Bath’s Prologue and Tale” In: *Contagion: Journal of Violence, Mimesis, and Culture*, 2012, v. 19, n.1, pp. 41-67; OLIVARES MERINO, Eugenio Manuel. “Women on the background: medieval views of chivalry in Chaucer’s “general prologue”” In: HORNERO CORISCO, Ana María, NAVARRO ERRASTI, María Pilar (coord.). *CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LENGUA Y LITERATURA INGLESA MEDIEVAL*, 10. 1997. Zaragoza. *Actas...* Zaragoza, Diputación de Zaragoza - Institución “Fernando el Católico”, 2000, pp. 159-168; HANSEN, Elaine Tuttle. ““Of His Love Dangerous to Me”: Liberation, Subversion, and Domestic Violence in the Wife of Bath’s Prologue and Tale” In: BEIDLER, Peter G. (ed.). *Geoffrey Chaucer: The Wife of Bath. Case Studies in Contemporary Criticism*. Boston - New York, Bedford Books of. St. Martin’s Press, 1996, pp. 273-89; GALLOWAY, Andrew. “Marriage Sermons, polemical sermons, and The Wife of Bath’s Prologue: a generic Excursus” In: *Studies in the age of Chaucer*, 1992, n. 14, pp. 3 - 3.

¹² Dentre outros, DURAND DE SAINT-POURÇAIN. *Commentaire des Sentences: Prologue, présentation et traduction* par David Piché. Paris, Les Belles Lettres, 2020; LAKE, Justin (Ed.). *Prologues to ancient and medieval history: A reader*. Toronto, University of Toronto Press, 2019; MEDEIROS, Elton Oliveira Souza de. “A Linhagem Perdida De Sceaf: Genealogias Mítico-Históricas na Inglaterra e Escandinávia & A Tradução do Prólogo da Edda de Snorri Sturluson” In: *Revista Signum*, 2015, v. 16, n. 3, pp. 46-77; GEOFFREY CHAUCER. *Cuentos de Canterbury: Prólogo General* (Traducción en verso). Badajoz, Universidad de Extremadura, 2013; FUENTES, Juan, AVENOZA, Gemma. “La traducción castellana de los “Moralia in Job” atribuida a Pero López de Ayala: edición del “Prologo de San Gregorio que enbio a San Leandro, arçobispo de Seuilla” (BNM mss / 10136 fols. 1v-4r)” In: *Incipit*, 2012-2013, n. 32-33, pp. 249-270; AVIT DE VIENNE. *Éloge consolatoire de la chasteté* (Sur la virginité). Suivi du Prologue de l’Histoire spirituelle et de la Vie de Sainte Fuscina. Introduction, texte critique, traduction, notes et index par Nicole Hecquet-Noti. Paris, Cerf, 2011 (Sources chrétiennes, 546); SMARAGDE. *Commentaire*

Não é meu propósito, aqui, fazer uma análise bibliométrica exaustiva a partir das referências reunidas sobre os prólogos no medievo, mas sublinhar que o gênero tem recebido a atenção dos medievalistas, que estão discutindo diversos temas a partir desses textos. Desse conjunto, destaco uma obra, que, em minha avaliação, ocupou um papel crucial para o incremento das análises sobre os prólogos, sobretudo entre os historiadores. Trata-se de *Les prologues médiévaux*, publicada em 2000, que reúne os trabalhos apresentados no Colóquio Internacional realizado em 1998 na cidade de Roma, organizado pela Academia Belga e a Escola Francesa de Roma. Comparando o quantitativo de títulos levantados anteriores e posteriores a 2000, verifiquei que cerca de 15% foram publicados antes dessa obra, ou seja, até 1999, enquanto 85%, depois.¹³

Além da introdução e do epílogo, o livro reúne 19 textos, escritos por medievalistas como M. A. Polo de Beaulieu (Paris), N. Bériou (Lyon), F. Dolbeau (Paris), J. Berlioz (Lyon), J. Dalarun (Paris), F. B. Guenée (Paris), dentre outros. O objetivo desta obra, assim como o do evento, foi realçar o potencial dos prólogos para os estudos sobre o medievo. Como a contracapa do volume sublinha - tal como o nosso levantamento apontou -, até aquele momento, final dos anos 1990, existiam estudos pontuais ou abordando textos específicos, mas ainda eram necessários estudos sistemáticos.

Na introdução,¹⁴ Jacqueline Hamesse,¹⁵ editora das Atas, identifica temáticas de pesquisa que os prólogos suscitam, algumas das quais são objeto de discussão nos capítulos da obra. Em primeiro lugar, quanto à terminologia, pois vários termos foram usados no período medieval para se referir aos prólogos, como *prooemium*, *praefatio*, *praelocutio*, *praeambula*, *principium*, *inceptio*, *introductio*, *introitus* e *isagogae*. Em segundo, a relação entre o título, ausente em diversos livros medievais, e o prólogo. Em terceiro, o vocabulário específico dos prólogos. Em quarto, a necessidade de ampliar as pesquisas sobre os prólogos escritos em línguas vernáculas.

du Prologue de la Règle de saint Benoît. Préface par Dom Pius Engelbert. Introduction, notes et tables par dom Jean-Eric Stroobant de Saint-Eloy. Paris, Éditions du Cerf, 2006; SNORRI STURLUSON. *Edda*. Prologue and Gylfaginning. A. Faulkes (ed.). London, University College London, 2005; DUNS SCOTUS. *Prólogo da Ordinatio*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003; DUNS SCOT. *Prologue de l'Ordinatio*. Présentation et traduction annotée de Gérard Sontag. Paris, Presses Universitaires de France, 1999; DUNS SCOT. *La théologie comme science pratique*. (Prologue de la Lectura). Introduction, traduction et notes par Gérard Sontag. Paris, Vrin, 1996.

¹³ O impacto dessas atas pode se relacionar a outros dois eventos: *Prologues et épilogues dans la littérature du Moyen Âge*, colóquio organizado pela Université Charles-de-Gaule em Lille, em 1999, ou seja, um ano após o evento em Roma e cujas atas foram publicadas em 2001, na revista *Bien dire et bien apprendre*, e *Prologues et épilogues dans la littérature anglaise au Moyen Age*, organizado pelo Centre d'études anglaises médiévales da Université de Paris em 2001, com atas publicadas no mesmo ano.

¹⁴ HAMESSE, Jacqueline. Introduction. In: _____. (ed.). COLLOQUE INTERNATIONAL. LES PROLOGUES MÉDIÉVAUX.... Op. Cit.

¹⁵ Jacqueline Hamesse é especialista em filosofia medieval, abordando em seus trabalhos, dentre outros temas, a recepção de Aristóteles pelos medievais, a escolástica e o pensamento filosófico mendicante. Uma lista de suas publicações pode ser encontrada no site <<https://philpeople.org/profiles/jacqueline-hamesse/publications>>. Acesso em 27mai22. Atualmente, ela é, segundo o site da Université Catholique de Louvain, “professeure ordinaire émérite” da Faculdade de Filosofia, Artes e Letras. Cf. <<https://uclouvain.be/en/directories/jacqueline.hamesse>>. Acesso em 27mai22.

No decorrer da introdução, são levantadas questões sobre os prólogos medievais: a multiplicidade terminológica tem algum significado? Os distintos termos apresentam nuances que expressam a complexidade dos prólogos? Qual era a função do prólogo no período? Por que algumas obras não apresentam prólogos? Quais objetivos eram almejados com a sua redação? Os prólogos objetivavam compensar a ausência de títulos na maioria dos livros medievais? Havia um *topos* de prólogo correspondente a cada gênero literário medieval ou, em outras palavras, distintos tipos de texto – como épicos, cronísticos, tratados, comentários, etc. - exigiam diferentes formatos de prólogo? Apesar das singularidades, é possível perceber semelhanças entre os prólogos de variados gêneros literários? As ordens religiosas criaram padrões de prólogo? Qual a relação entre tradução e composição de prólogos? Como interpretar a presença de dois prólogos em uma única obra? Como compreender que obras iguais, mas copiadas em manuscritos diferentes, apresentem prólogos distintos? Os prólogos revelam dados sobre a produção literária no medievo? O prólogo é sempre criação de um autor ou é uma peça reutilizada?

A partir das referências levantadas, posso afirmar que algumas das questões pontuadas nessa introdução foram acolhidas pelos estudiosos, tais como a análise de prólogos compostos em línguas vernáculas; estudos sobre a relação entre tradução e redação de prólogos e as especificidades dos prólogos historiográficos. Porém, muitas outras ainda carecem de análises sistemáticas.

E no tocante aos prólogos dos legendários? Sobre o tema, localizei somente três títulos, todos de autoria de François Dolbeau:¹⁶ o texto *Les Prologues de Légendiers Latins*,¹⁷ que é um dos capítulos que compõem *Les prologues médiévaux* e apresenta uma análise mais geral, e dois artigos, *Un prologue inédit de légendier latin*¹⁸ e *Prologue inédit d'un homélaire-légendier des anciens Pays-*

¹⁶ Como sublinha o site *Canal Académies*, plataforma audiovisual do *Institut de France*, Dolbeau é medievalista, latinista e lexicógrafo, especialista em língua e literatura latinas da Idade Média, com destaque para o estudo da hagiografia e das homilias. Atualmente, ele é pesquisador emérito da École Pratique des Hautes Études e membro de diversas entidades acadêmicas: *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*; *Société Nationale des Antiquaires de France*; *Société des Antiquaires de l'Ouest (Poitiers)*; *Académie de Reims*; *Académie des Sciences, Belles Lettres et Arts d'Angers*; *Académie Royale de Belgique*. Cf. <<https://www.canalacademies.com/academiciens/francois-dolbeau>>. Acesso em 27mai22. Ele é autor de diversos estudos sobre os legendários, assim como sobre prólogos hagiográficos, mas articulando os dois elementos, só encontrei os três referenciados no corpo do texto. Cf. a listagem disponível no RI OPAC: Literature Database for the Middle Ages, disponível a partir do link <http://opac.regesta-imperii.de/lang_en/autoren.php?name=Dolbeau%2C+Fran%C3%A7ois> Acesso em 27mai22.

¹⁷ DOLBEAU, François. “Les Prologues de Légendiers Latins” In: HAMESSE, Jacqueline (ed.). COLLOQUE INTERNATIONAL. LES PROLOGUES MÉDIÉVAUX. 1998, Roma. *Actes...* Turnhout, Brepols, 2000, pp. 345- 393.

¹⁸ DOLBEAU, François. “Un prologue inédit de légendier latin” In: *Analecta Bollandiana*, 2005, v. 123, n 2, pp. 369-376.

Bas,¹⁹ que abordam obras específicas.²⁰ Por seu escopo, vou me deter nas ideias presentes no capítulo.

Segundo Dolbeau, até o momento da redação de *Les Prologues de Légendiers Latins*, só existiam reflexões dispersas sobre os prólogos dos legendários em um artigo de Albert Poncelet,²¹ publicado em 1910, no qual aborda o legendário de Pedro Calo, e em um livro de Guy Philippart sobre os legendários latinos, de 1977.²² Para o pesquisador francês, portanto, a temática era, então, um objeto ainda pouco examinado.²³ Essa constatação, feita há mais de 20 anos, continua atual. Ainda que, como já assinalado, o levantamento de referências realizado não seja exaustivo, é sintomático que os únicos três textos identificados sobre os prólogos dos legendários sejam todos da autoria do estudioso francês. Ou seja, ainda há muitas obras a analisar e questões a discutir.

O capítulo, ainda que tenha como eixo central os prólogos, é também uma síntese sobre o surgimento, características e transformações dos legendários desde o século VIII até o XV. Neste sentido, Dolbeau parte da distinção feita por Philippart entre os legendários que unicamente reúnem os textos daqueles que fazem intervenções nos materiais agrupados.²⁴ Assim, ele divide os legendários latinos em dois grupos. No primeiro, encontram-se as compilações que surgem por volta de 750 e unem diversos textos, sobre os quais são feitas poucas intervenções, que o autor denomina como legendários tradicionais (*légendiers traditionnels*). No segundo, estão os chamados legendários novos, que o autor divide em dois subgrupos. O subgrupo formado por compilações que surgem em fins do século XII, que retrabalham as suas fontes e as condensam em um volume, que o estudioso nomeia como legendários abreviados (*légendiers abrégés*). E o subgrupo no qual se encontram as compilações que começam a ser organizadas em meados do século XIII, que incorporam legendas que também sofreram edição, mas formam vários volumes, que Dolbeau intitula como legendários abreviados de tipo enciclopédico (*légendiers abrégés de type encyclopédique*).

No tocante aos prólogos, Dolbeau, a partir da análise de diferentes obras, defende que nos legendários tradicionais eles são em pequeno número e os que existem são, em sua maioria, materiais

¹⁹ DOLBEAU, François. “Prologue inédit d’un homéiliaire-légendier des anciens Pays-Bas” In: *Analecta Bollandiana*, 2015, v. 133, n. 2, pp. 350-361.

²⁰ No primeiro artigo, de 2005, o medievalista publica e analisa o prólogo adicionado pelo compilador ao legendário copiado no século XV para uma comunidade de cônegos regulares de Rouge-Cloître. O autor conclui que o texto é uma junção de *topoi* hagiográficos, com o objetivo de justificar a leitura das legendas e a imitação dos santos. No segundo, de 2015, estuda - e também publica - o prólogo do homiliário-legendário presente no códex 1380 da Biblioteka Jagelliońska, copiado em fins do século XIV. Para o pesquisador, esse material é peculiar, porque para a elaboração do prólogo foram usados materiais de uma Paixão (BHL 400 ou 1787) e de dois legendários do sul da atual Holanda. Assim, o autor defende que a origem do livro é a diocese de Utrecht.

²¹ PONCELET, A. “Le légendier de Pierre Calo” In: *Analecta Bollandiana*, 1910, n. 29, pp. 5-116.

²² PHILIPPART, G. *Les légendiers latins et autres manuscrits hagiographiques*. Turnhout, Brepols, 1977.

²³ DOLBEAU, François. “Les Prologues de Légendiers Latins.... op. cit, p. 345.

²⁴ Idem, p. 346.

reutilizados, ou seja, copiados de outras obras.²⁵ O autor adverte que as instruções de uso, os colofões e os versos de abertura que são encontrados em tais legendários não se configuram como prólogos.²⁶

O pesquisador afirma que só encontrou seis prólogos em legendários tradicionais, datados entre os séculos X ao XVI, e sublinha que em cinco ocorreu reutilização de materiais. Ele explica que esse conjunto não é exaustivo, mas defende que a análise de outros manuscritos dificilmente mudaria esse quadro.²⁷ Ele conclui que os prólogos dos legendários tradicionais não mantêm os *topoi* presentes nos textos antigos nem possuem homogeneidade.²⁸ Isso ocorre, segundo o autor, porque os compiladores se consideram mais copistas do que editores de coleções.²⁹

Quando surgiram os legendários reduzidos em um volume, os prólogos tornaram-se frequentes. Para Dolbeau, isso ocorre porque a abreviação tem um carácter inovador, o que requer uma justificativa dos editores, que explicam suas intenções em prólogos.³⁰ Assim, gradualmente, surgiu uma espécie de modelo de prólogo, que realçava aspectos desses novos legendários: a brevidade; a seleção e reunião de materiais considerados úteis; o desejo de produzir um livro que pudesse ser transportado; o menor custo e o seu uso para o preparo de pregações. O autor apresenta alguns exemplos para validar a sua hipótese.

Dentre as obras que Dolbeau menciona, resalto os legendários compostos no âmbito mendicante. Primeiro, *Abbreuiatio em gestis et miraculis sanctorum* de João de Mailly,³¹ ou, na forma francesa, Jean de Mailly. Ele foi sacerdote em Auxerre, diocese para a qual preparou a primeira edição de seu legendário, terminada em 1230. Posteriormente, ele ingressou na Ordem dos Pregadores e, já como frade, preparou a segunda edição, finalizada antes de 1244,³² cujo prólogo, entretanto, não sofreu alterações face à primeira versão do livro. Para o pesquisador francês, essa obra inaugurou uma nova fase na história dos legendários, influenciando produções posteriores.³³

Dolbeau afirma que foi com a obra *Epilogus em gesta sanctorum*, do dominicano Bartolomeu de Trento,³⁴ que se iniciou a produção de uma série de legendários no âmbito mendicante.³⁵ Nela há

²⁵ Idem, p. 347.

²⁶ Idem, pp. 347-351.

²⁷ Idem, p. 351.

²⁸ Idem, p. 358.

²⁹ Idem, p. 386.

³⁰ Idem, p. 360.

³¹ Idem, p. 363.

³² A segunda edição, segundo Dolbeau, foi transmitida por um manuscrito datado de 1243. Idem, p. 363.

³³ Idem, pp. 363-366.

³⁴ Bartolomeu de Trento (1190?-1248?) foi um frade pregador que foi prior do Convento de San Lorenzo de Trento. Segundo Dolbeau, é provável que ele tenha feito várias edições da obra, pois as cópias manuscritas diferem entre si quanto ao número de legendas. Idem, p. 366.

³⁵ Idem, p. 366.

um prólogo que, segundo o pesquisador, é mais sofisticado que o de Mailly,³⁶ que aborda a brevidade; a matéria do livro; a compilação de materiais dispersos; o público; o uso e a finalidade da compilação.

A seguir, Dolbeau menciona as *Vitas sanctorum* de Rodrigo de Cerrato,³⁷ para sublinhar que o prólogo dessa obra indica que o *topos*, desenvolvido a partir de cerca de 1200, já está estabelecido. Ele ainda acrescenta que, salvo algumas exceções, os autores que escrevem após 1275 retomam os mesmos tópicos que compõem o modelo lançado com *Epilogus em gesta sanctorum*.³⁸

Para sustentar a sua afirmativa, após mencionar o legendário transmitido pelo manuscrito Barb. Lat. 2318 da Biblioteca do Vaticano, Dolbeau refere-se ao legendário egidiano. Para ele, o prólogo inicial preparado por João Gil, seguindo o *topos*, tem como temas centrais a pobreza, a brevidade e a utilidade, que, contudo, é associada à prolixidade. Na interpretação do especialista, isso ocorre porque o zamorano considera a brevidade como o último recurso, uma espécie de concessão em nome da pobreza e da praticidade, e que a obra que deseja deixar para a posteridade é, na realidade, a que denomina como *Historia canônica e civil*.³⁹ Para o autor, afirmativas desse tipo provavelmente foram pensadas como resposta às críticas daqueles que consideravam as intervenções feitas nas fontes como “uma mutilação e uma traição/ une mutilation et une trahison”.⁴⁰

O autor reserva um subitem para abordar a *Legenda Aurea*. Para o estudioso, Tiago de Voragine ignora o *topos* do prólogo porque escreve uma obra que se situa em uma perspectiva universal. Essa opção permitiu que seu legendário sofresse diversos acréscimos de caráter regional, inclusive prólogos, alguns dos quais o pesquisador menciona.⁴¹

Por fim, trata das grandes coleções, que não se dirigiam mais aos religiosos, mas a reis, papas e institutos religiosos, como os compostos por Bernardo de Brihuega,⁴² Bernardo Gui,⁴³ Pedro Calo⁴⁴ e João Gielemans.⁴⁵ Dolbeau ressalta que o prólogo se mantém nessas obras, que rompe com o tema da brevidade, mas coloca outros em destaque, como a explicação da ordenação do material; a rejeição

³⁶ Idem.

³⁷ Rodrigo de Cerrato (? – 1276) foi um dominicano castelhano.

³⁸ Idem, p. 370.

³⁹ Idem, p. 373.

⁴⁰ Idem, p. 374.

⁴¹ Idem.

⁴² Bernard de Brihuega foi cônego de Sevilha. Escreveu sua obra a pedido de Afonso X, o Sábio, que reinou de 1252 a 1284.

⁴³ Bernard Gui (1261? - 1331) foi dominicano. Ele é mais conhecido por sua atuação como inquisidor. Seu legendário foi elaborado a pedido do mestre geral dos pregadores, Berenguer de Landorre (1312-1318).

⁴⁴ Pedro Calò (?- 1348) foi dominicano. Ocupou diversos cargos junto a Ordem dos Pregadores.

⁴⁵ João de Gielemans (1427-1487) foi Cônego regular de Santo Agostinho.

de textos apócrifos; alusões a hereges; submissão ao julgamento papal, mas sem chegar a constituir um novo *topos*.⁴⁶

O capítulo *Les Prologues de Légendiers Latins*, ao identificar as diferenças e semelhanças entre os diversos tipos de legendários, traça uma história que permite compreender que os prólogos se configuram como um *topos* na medida em que maiores intervenções eram feitas nos textos que compunham as compilações. As demandas associadas à *cura animarum* exigiam um menor volume de informações, cópias realizadas com baixos custos, e livros fáceis de transportar e consultar. E justamente porque romperam com os legendários tradicionais, fez-se necessário justificar as opções presentes nos legendários abreviados em um volume.

Mas os legendários abreviados conquistam outros públicos de caráter mais institucional, como cortes e ordens religiosas, que ainda desejam a brevidade, mas para os quais a economia e praticidade já não eram uma necessidade. Além disso, exigiam autenticidade das informações e clareza dos textos. Assim surgem os legendários enciclopédicos, que enfatizam outros aspectos em seus prólogos.

O legendário abreviado de João Gil de Zamora foi elaborado em fins do século XIII. Dolbeau salienta que o hagiógrafo incorporou o *topos*, porém se afastou do modelo para realçar que a composição do livro foi uma concessão à brevidade devido ao pedido dos irmãos. Concordo com o autor. Porém, além de aspectos formais, o que, à luz do contexto, é possível compreender sobre a presença franciscana em Zamora por meio do prólogo?

JOÃO GIL DE ZAMORA

Diversos autores se dedicaram a construir uma biografia de João Gil de Zamora, a partir das fontes diretas e indiretas disponíveis,⁴⁷ mas não é possível elaborar uma narrativa detalhada sobre a

⁴⁶ Fechando o capítulo, o autor publica prólogos, até então inéditos: o de João Gil de Zamora, *Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollempnizat* (Londres, British Library, Add. 41070, século XIII); o de Joiberto de Soissons, *Gesta et miracula sanctorum* (Paris, Bibliothèque de l' Arsenal, ms. 935, f. 5, século XIII); o de Martin de Venne (Liège, Bibliothèque de l' Université, 210, t. 1 [57], f. lr, a. 1366); o de Hermann, *Opusculum de sanctis* (L = Londres, British Library, Add. 22014, f. 18, século XIV; P = Praha, Knihovna metropolitní Kapituly, F. LXVIII [923], f. 33, a. 1382); o do Legendário de Notre-Dame de Loos (Bibliothèque Municipale de Lille, Ms. 450, 1 ère partie, f. 159, século XIV); o da *Abbreuiatio in passionibus et uitas sanctorum secundum cursum anni in communi / calendario notatorum* (Uppsala, Universitetsbiblioteket, C 521, f. 33v-39, século XIV) e o do ms. Cim 18245, f. 7rv (München, Bayerische Staatsbibliothek, século XV).

⁴⁷ Tais como CASTRO Y CASTRO, Manuel de (ed.). *Juan Gil de Zamora. De preconiis Hispanie*. Madrid, Universidad de Madrid, Facultad de Filosofía y Letras, 1955; FERRERO HERNÁNDEZ, Cándida (ed.). *Liber contra uenena et animalia uenenosa de Juan Gil de Zamora*. Barcelona, Reial Acadèmia des Bones Lletres, 2009; BOHDZIEWICZ, Olga Soledad. Una contribución al estudio de la prosa latina en la Castilla del siglo XIII: Edición crítica y estudio del Liber Mariae de Juan Gil de Zamora. 2014. 507 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 2014; PÉREZ RODRÍGUEZ, Estrella (ed.). *Juan Gil de Zamora. Obra poética: Ymago, ymitago. Quid uigoris, quid amoris. Officium almiflue Virginis. Zamora, Instituto Florián de Ocampo, 2018; MARTÍN IGLESIAS, Jose Carlos. "Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de Juan Gil de Zamora (O.MIN.):*

sua trajetória, pois há muitas lacunas documentais e diversas questões em aberto. Assim, apresento a seguir uma caracterização do zamorano, baseada nos estudos anteriores e nas minhas reflexões.

João Gil nasceu por volta 1251-1252 em Zamora, provavelmente em uma família rica e nobre. Nesse momento, a sua cidade natal encontrava-se próspera, contando com uma população diversificada, exercendo variadas atividades produtivas. Apesar das diversas manifestações de espiritualidades, havia uma forte presença da hierarquia eclesiástica e de institutos religiosos, bem como uma comunidade judaica consolidada. As autoridades real, episcopal, senhorial e do conselho conviviam e, eventualmente disputavam entre si.⁴⁸

Não existem documentos diretos, mas como membro da elite, João Gil certamente realizou estudos iniciais com algum tutor ou em uma escola paroquial ou vinculada a alguma comunidade religiosa em Zamora ou outra cidade próxima. Por volta dos 20 anos, entre os anos 1269 a 1271, ingressou na Ordem dos Frades Menores, já estabelecida na região desde 1246. Talvez fosse subdiácono na ocasião, pois alcançara a idade mínima para tal.⁴⁹

João Gil, após tornar-se frade, continuou seus estudos, possivelmente em Salamanca, no *studium* franciscano local. Depois foi enviado para a escola da ordem em Paris. Ali permaneceu por cerca de quatro anos, provavelmente, de 1273 até 1278. Ao retornar para Zamora, tornou-se *lector* do convento local, ou seja, professor dos irmãos. Nesse momento também deve ter iniciado a sua atividade de escritor.

Não há uma listagem considerada definitiva dos escritos egidianos. Olga Soledad Bohdziewicz, em sua tese doutoral, propõe uma relação. A partir dela, elaborei uma divisão em cinco grupos temáticos: **a- Grandes compilações ou enciclopédias:** *Archiuus*, sobre elementos naturais e históricos; *Liber illustrium personarum siue Historia canonica ac ciuilis*, sobre figuras históricas; *Historia naturalis*, sobre ciências naturais. **b-Tratados:** *Liber de animalibus*, sobre os animais; *Liber contra uenena et animalia venenosa*, sobre as doenças resultantes de contato com plantas, animais e minerais; *Prosologion*, sobre questões gramaticais; etimológicas; fonéticas, etc.; *Liber de arte musica*, sobre música; *Ars dictandi*, sobre a redação de cartas. **c- Obras históricas:** *Liber de preconiis Hispaniae*, sobre características e personagens da Hispania e *Liber de preconiis ciuitatis Numantinae*, sobre a cidade de Zamora. **d- Compilação de Sermões:** *Liber sermonum* e *Breuilquium*. **e-**

metodologia de una edición crítica” In: PENA GONZÁLEZ, M. A., DELGADO JARA, I. (coords.) *Métodos y técnicas en Ciencias Eclesiásticas: Fuentes, historiografía e investigación*. Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca, 2015, pp. 139-164.

⁴⁸ Publicações sobre a história de Zamora medieval podem ser encontradas na homepage do Instituto de Estudios Zamoranos «Florián de Ocampo». Cf. <<https://iezfloriandeocampo.com/>>. Último acesso em 28/03/2022.

⁴⁹ Cf. *Siete Partidas*, livro I, título VI, lei 27.

Hagiografias: *Officium almifluae Virginis*, ofício litúrgico em versos dedicado a Maria; *Liber de Ihesu et Maria*, que aborda aspectos da vida de Cristo e de Maria, e o legendário abreviado.⁵⁰

Alguns autores defendem que João Gil também atuou na corte de Afonso X e de seu sucessor, Sancho IV. Porém, como salienta Pérez Rodríguez, “la única noticia contemporánea existente al respecto es la declaración del propio Juan Gil de que fue *scriptor* tanto de Alfonso X como del infante Sancho”.⁵¹ A palavra *scriptor* era empregada com diversos sentidos no século XIII, tais como notário, copista, escriba, escritor, secretário, e o seu uso nas dedicatórias não permite determinar o tipo de relação estabelecida pelo frade com os reis. Baseados em outros indícios, alguns pesquisadores propõem uma aproximação do Zamorano com o casal real Sancho e Maria de Molina, o que me parece plausível, considerando o próprio conteúdo de suas obras.⁵²

Talvez devido à sua origem familiar, formação escolar, atividade docente, circulação de seus escritos ou até alguma atuação na corte, João Gil se destacou e ocupou cargos junto aos Menores. Neste sentido, como alguns documentos indicam, ele foi custódio, ou seja, responsável por um conjunto de conventos; vicário da Província Franciscana de Santiago no período em que Martín Anes se encontrava no capítulo geral realizado em Paris e, posteriormente, Ministro Provincial.

João Gil, portanto, viveu a maior parte de sua vida na segunda metade do século XIII, no Reino de Castela, em particular na cidade de Zamora, que era, então, rica e com uma população heterogênea quanto às suas crenças, atividades produtivas e inserção social. Provavelmente de origem nobre, foi um frade franciscano, letrado, que ocupou cargos na Ordem dos Menores e foi escritor. Ele faleceu após anos de atividade como religioso. Não há consenso sobre o momento de sua morte. A data tradicionalmente aceita era o ano de 1318.⁵³ Estudos recentes,⁵⁴ contudo, apontam que ele faleceu em 1306, quando um novo ministro provincial, Suero, assumiu o cargo.

O LEGENDÁRIO ABREVIADO EGIDIANO

Como o texto de Dolbeau sublinha, ao compor seu legendário, João Gil seguiu uma tendência já presente entre os mendicantes: a produção de um material voltado aos irmãos, reunindo e adaptando

⁵⁰ Como os títulos são demasiadamente extensos, optei por apresentá-las de forma abreviada. Os títulos completos podem ser lidos em Bohdziewicz. Op. Cit, pp. 29-36.

⁵¹ Op. Cit, p. 21.

⁵² Desenvolvi esse tema nos artigos “Isidoro de Sevilha nos legendários abreviados mendicantes hispanos do século XIII: uma abordagem historiográfica em perspectiva comparada” In: *Anos 90*, 2021, v. 28, pp. 1-24 e “A Legenda Beate Barbare Virginis et Martiris do Legendário Abreviado de Juan Gil de Zamora (XIII-XIV)” In: *Specula: Revista De Humanidades Y Espiritualidad*, 2022, n. 3, pp. 59-98.

⁵³ Cf, dentre outros, CASTRO Y CASTRO, op. cit e FERRERO HERNÁNDEZ, op. cit.

⁵⁴ Como PÉREZ RODRÍGUEZ, op. cit.

fontes, para auxiliar no preparo de pregações e de fácil transporte. Desta forma, ainda que em outros textos do zamorano também seja possível encontrar material hagiográfico, em *Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollempnizat* (LS) ele seguiu, em diversos aspectos, o modelo de legendário abreviado consolidado ao longo do século XIII.

Essa obra foi transmitida por um único manuscrito incompleto, o Add. 41070, ff. 1-465v, que se encontra na British Library, em Londres. Segundo informações disponibilizadas no *site* da biblioteca, o manuscrito foi confeccionado em velino, com fólhos com cerca de 18,4 cm X 17,8 cm.⁵⁵ Dolbeau informa que as primeiras letras das linhas que iniciam os capítulos são decoradas.⁵⁶ Ele data esse manuscrito como de fins do século XIII.⁵⁷ Para Martin Iglesias, o códice foi copiado no século XIV e é de origem hispânica.⁵⁸

A existência de um único manuscrito conhecido deixa várias questões concernentes às edições e à circulação do texto em aberto: esta é a única cópia realizada ou foram feitas outras, que, devido ao constante uso pelos irmãos, acabaram se desgastando? O códice preservado é o registro da versão final do texto ou de uma das etapas de elaboração?⁵⁹ O texto contido no manuscrito londrino sofreu modificações ao ser copiado? O modelo usado para a realização da cópia já estava incompleto?

As LS foram redigidas em latim e em prosa, como já assinalado. Seu local de produção foi, provavelmente, o Convento Franciscano de Zamora. Como não há nenhum dado no texto que permita datá-lo, foram levantadas muitas hipóteses. Tenho adotado como provável período de redação os anos finais do século XIII, talvez quando Sancho IV já reinava e, provavelmente após João Gil assumir o cargo de custódio, vicário ou a direção da Província Franciscana de Santiago. Talvez tenha redigido as LS como uma iniciativa para auxiliar e orientar os frades sob o seu governo.

No texto preservado pelo Add. 41070, as LS contêm 88 capítulos, além do prólogo, que têm como temáticas festas litúrgicas cristãs; a cruz de Cristo (*invencio e exaltacio*); o anjo Miguel; a instituição das litanias e santos. A escolha dos temas seguiu as celebrações da Igreja Romana, bem

⁵⁵ Disponível em <http://tiny.cc/7y6suz>. Acesso em 01jun22.

⁵⁶ DOLBEAU, François. “Les Prologues de Légendiers Latins.... op. cit, pp.372-373.

⁵⁷ Idem, pp. 372 e 391.

⁵⁸ MARTÍN-IGLESIAS, José Carlos. “Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de Juan Gil de Zamora ..., op. cit., p. 151.

⁵⁹ Além da falta de homogeneidade entre os capítulos, também há inconsistências textuais nas LS que apontam para essa possibilidade. Por exemplo, no capítulo dedicado a Tiago Maior, o narrador informa que irá narrar os milagres em quatro tratados: “El primer tratado de Santiago Zebedeo que contiene sus milagros versa sobre los muertos resucitados, el segundo tratado versa sobre los liberados de los peligros del mar, el tercer tratado versa sobre los liberados de diversas enfermedades, el cuarto contiene otras muchas atenciones que mostró hacia sus peregrinos / “Iacobi Zebedei genealogiam et passionem pro uiribus prosequentes, primum capitulum preitemus de ipsius uita et passione, secundum capitulum subiungemus de ipsius apostoli transportacione in Yspaniam, tercium uero capitulum uel potius tercius Tractatus erit de miraculorum operacione”. JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende Sanctorum...* op. Cit, p. 426. Contudo, esse plano não é seguido e só são apresentados quatro milagres de ressuscitação e três de libertação do cárcere.

como as tradições de culto zamoranas.⁶⁰ Diferentemente dos legendários mendicantes anteriores, cuja ordem dos capítulos segue o calendário litúrgico, João Gil optou por organizá-los alfabeticamente, agrupados pela letra em latim com as quais os títulos começam.

Os capítulos do legendário são muito diferentes em si. Alguns são longos, outros se limitam a um parágrafo. Em alguns casos o frade segue fielmente as suas fontes, em outros faz uma intervenção mais ampla. Logo, os conteúdos variam, podendo figurar nas narrativas, ou não, explicações teológicas; resumos dos temas que serão abordados; reflexões etimológicas sobre os nomes dos santos; apresentação do protagonista e/ou das principais fontes sobre ele; relatos sobre relíquias e/ou cultos e/ou milagres.

Os editores das LS identificaram cerca de 140 títulos citados diretamente pelo autor nas LS, além de passagens bíblicas.⁶¹ Há de salientar que alguns dos materiais referenciados já se encontravam nos textos que foram transcritos, mas outros, provavelmente, foram consultados em diferentes bibliotecas religiosas e episcopais e, talvez, até de nobres ou da corte real.⁶² Também foram incorporados ao legendário trechos de obras egidianas anteriores.

Finalizando o item, quero salientar que a redação das LS não é um evento isolado. Além de seguir uma tendência literária já presente entre os mendicantes, como sublinhado, também se articula à trajetória de João Gil como zamorano, castelhano, frade menor, letrado, professor e dirigente franciscano.

O PRÓLOGO DO LEGENDÁRIO ABREVIADO DE JOÃO GIL DE ZAMORA

O prólogo das LS é precedido por um título:

Começam as legendas dos santos e outras festividades que a Igreja celebra, que o irmão João Gil, doutor dos Irmãos Menores de Zamora, recompilou por escrito, em ordem alfabética, de forma sistemática, mais fáceis de encontrar, para serem

⁶⁰ Sobre o tema ver SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. “O Legendário Abreviado de Juan Gil de Zamora no contexto local e no âmbito do ocidente medieval” In: SILVEIRA, Marta de Carvalho; MARTINS, Rosiane Graça Rigas (org.). *Conexões medievais*. Rio de Janeiro, Chalé Editorial, 2021, pp. 9-44.

⁶¹ JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende Sanctorum...* op. Cit, pp. 741 e 821.

⁶² Sobre as bibliotecas medievais ver, dentre outros, YÁÑEZ, Maria Díez et al. “La Ética aristotélica en Castilla: las bibliotecas universitarias medievales y prerrenacentistas” In: *Espacio Tiempo y Forma*. Serie III, Historia Medieval, 2018, n. 31, pp. 221-250; FAULHABER, Charles B. “Las bibliotecas españolas medievales” In: SOTO RÁBANOS, José María. *Pensamiento medieval hispano: homenaje a Horacio Santiago-Otero*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Consejería de Educación y Cultura de la Junta de Castilla y León, Diputación de Zamora, 1998, 2 v., V.2, pp. 785-800; AGUADÉ NIETO, Santiago. *Libro y cultura italianos en la Corona de Castilla durante la Edad Media*. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá de Henares, 1992.

fortemente retidas por mais tempo, para que não sejam apagadas e fiquem guardadas.⁶³

Como já destacado, a relação entre prólogo e título é uma das questões identificadas por Jaqueline Hamesse na introdução de *Les prologues médiévaux*. Sobre o tema, a pesquisadora ressalta que como os títulos eram raros, uma interpretação possível é que a elaboração dos prólogos objetivava supri-los, para explicitar o assunto abordado, caracterizar a obra e expor o método aplicado.⁶⁴ Mas a autora também sublinha que já no medievo alguns autores indicaram a diferença entre ambos,⁶⁵ tal como o clérigo Bernardo de Utrecht, em fins do século XI. Para ele, o título deveria informar, de forma resumida, o que seria tratado, e o prólogo, o quê, o como e o porquê do livro, para chamar a atenção do leitor.⁶⁶

João Gil apresenta um título e um prólogo. Logo, seu prólogo não tinha como objetivo compensar a ausência de um título. Porém, não se limita a indicar nele o tema que aborda, como propôs Bernardo, pois, além do conteúdo - legendas dos santos e outras festividades que a Igreja celebra -, também assinala a autoria com suas credenciais - irmão João Gil, doutor - ; sua vinculação institucional - Irmãos Menores de Zamora - ; seu método - compilação por escrito - ; a forma de organização da obra - em ordem alfabética, de forma sistemática - e a justificativa para essas escolhas - lendas mais fáceis de encontrar e serem recordadas e guardadas. Ou seja, o título dado pelo frade zamorano à sua obra vai além do proposto pelo clérigo de Utrecht, pois ele informa o quê, o como e o porquê, além de acrescentar o quem.

Já no título, o frade reforça a sua autoridade intelectual para compor o legendário, ao se autodenominar como *doctor*. Como explica Pérez Rodríguez, esse título era usado entre os mendicantes para denominar aquele que ensinava a todos os irmãos.⁶⁷ Além disso, ele realça a intenção pedagógica do escrito, sem vinculá-la à pregação, mas à formação dos irmãos, o que também explica a sua opção pela ordem alfabética.

Se, no título, João Gil apresenta tantos dados, o que incorporou ao prólogo?

⁶³ Texto em latim: “Incipiunt Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollempnizat, quas frater Iohannes Egidius, doctor fratrum Minorum Zamorensium, compilauit secundum ordinem alphabeti ut artificialius scribantur, subtilius habeantur, facilius inueniantur, forcius imprimantur, diucius et indelebius retineantur et custodiantur”. JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende Sanctorum...* op. cit, p.132.

⁶⁴ HAMESSE, op. cit, p. xviii.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Op cit, p. 17.

O prólogo das LS é um texto curto, que ocupa no manuscrito um pouco mais de um fólho (1r-1v). A tradução é apresentada a seguir.⁶⁸

O benigno Jesus Cristo, filho do Pai eterno, feito homem no ventre de sua doce mãe por obra do generoso Espírito Santo, é para nós o caminho, a verdade e a vida. Caminho pela humildade em sua encarnação, verdade por sua iluminação na pregação, vida por sua misericórdia na paixão. Caminho entre os patriarcas, verdade entre os profetas, vida entre os apóstolos. Caminho para que não andemos errantes, verdade para que não sejamos enganados e vida para que não morramos. Caminho sem erro para os penitentes, verdade sem falsidade para os que buscam, vida sem morte para os que resistem. Caminho sob forma de guia da moral, verdade como distinção dos méritos, vida como disposição dos prêmios. Caminho que conduz à verdade, verdade que promete a vida, vida que dá [vida]. Também: caminho para os errantes, verdade para os que o encontram, vida para os que nele permanecem. Também: caminho para seguir, verdade que não engana, vida que não conhece o fim. Também caminho que não se extravia, a verdade que não falha, vida que não falta. Querendo chegar ao conhecimento desse caminho, desta verdade e desta vida e a obter méritos dos bem-aventurados que vivem nos céus, de acordo com o pedido e o desejo de muitos, em nossos livros da História canônica e civil, transmiti detalhadamente suas legendas, porque acreditei que seriam mais úteis para eles [aqueles que me o pediram]. Mas agora, porque nossos irmãos, que imitam nosso santo Pai São Francisco, frágeis em pobreza, gostam-lhes a brevidade, principalmente porque quando saem para pregar não podem levar livros muito pesados, portanto, ante suas súplicas e insistência, extraí desse livro algumas coisas, que escrevi com uma pena fina e tinta fluida, atendendo mais à necessidade dos pobres do crucificado que à utilidade. Certamente, nas legendas completas e prolixas há maior utilidade, nas abreviadas, na verdade, são consideradas a necessidade e a pobreza. Assim, para seguir o costume, tomando a pena, ofereceremos, primeiramente os títulos das legendas que começam pela letra A e depois os ilustraremos segundo a limitação de nossas forças. Fim do prólogo.⁶⁹

⁶⁸ Texto em latim: “Incipiunt Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollempnizat, quas frater Iohannes Egidius, doctor fratrum Minorum Zamorensium, compilauit secundum ordinem alphabeti ut artificialius scribantur, subtilius habeantur, facilius inueniantur, forcius imprimantur, diucius et indelebius retineantur et custodiantur. Almifluus eterni Patris filius Ihesus Christus, in utero dulciflue matris sue operatione largiflui sancti Spiritus homo factus, uia nobis est et ueritas et uita. Via per humilitatem in incarnatione, ueritas per illuminationem in predicacione, uita per caritatem in passione. Via in patriarchis, ueritas in prophetis, uita in apostolis. Via ne erremus, ueritas ne decipiamur, uita ne moriamur. Vita sine errore penitentibus, ueritas sine falsitate querentibus, uita sine morte permanentibus. Via in regimine morum, ueritas in discrecione meritorum, uita in disposicione premiorum. Via que ad ueritatem ducit, ueritas que uitam promittit, uita quam dat. Vel uia errantibus, ueritas inuenientibus, uita in permanentibus. Vel uia qua itur, ueritas ad quam itur, uita in qua statur. Vel uia non errans, ueritas non fallens, uita indeficiens. In huius autem uie et ueritatis et uite cognicionem et adeptionem meritis ciuium supernorum cupiens deuenire, legendas eorum, iuxta uotum et desiderium plurimorum, in libris nostris de Ystoria canonica et ciuili prolixo tradidi, eo quod eisdem utilius esse credidi. Nunc autem, quia fratres nostri patris sancti Francisci emuli, tenues paupertate, gaudent breuitate, maxime quia, cum ad predicandum exeant, tantum honus librorum secum defferre non possunt, idcirco, (1v) ipsis instantibus et supplicantibus, ex multis pauca excerpsti, que in hoc libro breui calamo et atramento fluido exarauit, pauperum crucifixi respiciens necessitatem potius quam utilitatem. In perfectis quidem legendis et prolixis maior utilitas, in abreuiatis uero necessitas et paupertas consideratur. Ad magnum igitur assuetum, calamum assumentes, legendarum ab . A. litera incipiencium titulos premitemus, deinde ipsos iuxta inbecillitatem nostrarum uirium deppingemus. Explicit prologus. JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende Sanctorum...* op. cit, p.132.

⁶⁹ Idem.

Em minha leitura do prólogo egidiano, também identifico os elementos pontuados por Dolbeau como resultantes do modelo fixado no século XIII para os prólogos dos legendários: praticidade, necessidade, pobreza e brevidade. Tais aspectos são justificados pelo narrador como fruto da preferência dos irmãos que imitavam Francisco de Assis e necessitavam de uma obra leve, que pudesse ser transportada quando eles saíam para pregar. Mas os aspectos destacados por João Gil configuram-se unicamente como *topoi*?

Como assinalado, só um manuscrito contendo o legendário abreviado egidiano é conhecido.⁷⁰ Não é possível afirmar se, de fato, esse volume foi transportado e utilizado pelos irmãos. Pelas dimensões e número de fólios, o códice preservado poderia ser carregado com relativa facilidade, provavelmente atado a cintos⁷¹ ou em sacolas, e levados quando os irmãos se ausentavam dos conventos para pregar. É provável que quando praticavam a pregação itinerante, os frades precisavam pernoitar em lugares onde não tinham acesso a livros. Assim, devido à praticidade e a necessidade, o ideal era ter consigo algum material disponível para leitura.

Faz-se importante salientar que o prólogo não estabelece uma relação direta entre o legendário e o preparo de pregações. Nele só é registrado que os irmãos desejavam a brevidade para ter livros leves e que, portanto, poderiam ser portados ao saírem para pregar. Essa vinculação também não figura explícita no título, que indica que a meta do legendário era facilitar a consulta e a recordação (“para serem fortemente retidas por mais tempo, para que não sejam apagadas e fiquem guardadas” / “forcius imprimantur, diucius et indelebius retineantur et custodiantur”).⁷² Por que não é enfatizado o uso do legendário para a elaboração das pregações? Apresento duas possibilidades interpretativas. Primeiro, porque o preparo de pregações se tratava de um subtexto, ou seja, já era sabido por todos que a composição de livros que pudessem ser transportados tinha tal objetivo e não era necessário ressaltá-lo. Segundo, porque o que o narrador desejava destacar, de fato, era a necessidade de educar os frades por meio da leitura.

No que concerne especificamente à pobreza, em minha compreensão, ela tem um duplo sentido no prólogo. O primeiro, relacionado ao custo do manuscrito, que segue o *topos* (“escrevi com uma pena fina e tinta fluida” / “breui calamo et atramento fluido exarau”). Esse uso do tema pobreza como lugar comum retórico é reforçado quando é contraposto às informações sobre o códice do

⁷⁰ Como já pontuado, é possível que outras cópias tenham sido realizadas para os frades de Zamora, que, porém, não foram preservadas.

⁷¹ Há uma ampla discussão sobre os chamados livros de cinto, tradução livre para a expressão “girdle books”. Eu concordo com a proposta do historiador Tomaszewski, que propõe que os primeiros exemplares surgiram em meados do século XIII, relacionados à expansão das ordens mendicantes. Cf. TOMASZEWSKI, Jacek. “Girdle books and leather overcovers in Poland: relics and iconographic source” In: *Polish Libraries*, 2016, v. 4, pp. 84-180.

⁷² JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende Sanctorum...* op. cit, p.132.

legendário preservado. Como já assinalado, o material utilizado para a sua confecção foi o velino, ou seja, um pergaminho feito com couro de vitelos e, portanto, de maior qualidade e caro, e as letras iniciais dos capítulos estão em destaque. Sem dúvidas, como já realçado, não é possível nem concluir que o Add. 41070 foi a única cópia realizada do texto nem que ele foi efetivamente utilizado pelos irmãos, mas, por suas características, ele não se encaixa totalmente na qualidade de “pobre”.

O segundo sentido, na minha interpretação, vincula-se à caracterização dos frades franciscanos. O termo latino *tenues*, usado no texto egidiano, pode ser traduzido como menor, sem poder, pouco importante, fraco, frágil. Como a frase inicia informando que os irmãos eram imitadores de Francisco, é possível que a referência à pobreza, aqui, seja uma forma de exaltar a identidade do grupo, como registrado em diversos textos do primeiro século franciscano, como na *Legenda Maior* de Boaventura.⁷³

Também concordo com Dolbeau que João Gil faz uma “concessão” à brevidade, cujo aplicação à sua obra é justificada pelos pedidos dos irmãos. Fica explicitado no prólogo que era por meio da redação de outro livro, *Ystoria canonica et ciuili*, que o zamorano objetivava chegar ao conhecimento de Cristo e obter méritos dos santos. Essa obra, também conhecida como *Liber illustrium personarum siue Historia canonica ac ciuilis*,⁷⁴ é uma espécie de enciclopédia que contém relatos sobre a vida de diversos personagens históricos e foi composta, segundo o prólogo em análise, por solicitação de muitos. No prólogo também fica sublinhado que esse livro seria mais útil, porque nele as legendas estão transmitidas detalhadamente, não com brevidade, como nas LS.

Assim, apesar de evocar o exemplo de Francisco e indicar que a sua escrita nasceu da demanda dos irmãos, João Gil não deixa de realçar que possuía capacidades intelectuais para realizar um trabalho mais completo. Como sublinha Rico, em um texto já clássico, os letrados desse período tinham como objetivo obter e difundir o saber, ao mesmo tempo que possuíam gosto pela fama.⁷⁵ Esse dado também permite supor que a organização das LS não foi feita por iniciativa do frade, mas

⁷³ Como na *Legenda Maior* VII, 2, 7: “Dizia [Francisco] que a pobreza era o fundamento de sua Ordem, e que sobre essa base firma-se primeiramente toda a estrutura da religião, de modo que, se for firme, tudo será firme; se falsear, tudo será destruído”/“(…) evangelicae paupertati. Hanc sui dicebat Ordinis fundamentum, cui substrato primarie sic omnis structura religionis innititur, ut ipsius firmitate firmetur et eversione funditus evertatur”. Disponível em http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=1442&parent_id=1376 Acesso em 02jun22.

⁷⁴ Os especialistas apontam que esse livro foi finalizado por volta de 1282. Ela foi transmitida somente em fragmentos. Sobre essa obra ver FERRERO HERNÁNDEZ, Cándida. “El Liber illustrium personarum de Juan Gil de Zamora. Manuctio ad praedicatorum atque ad piam meditationem” In: DE LAS HERAS, Amélie, GALLON Florian, PLUCHOT, Nicolas (dir.). *Œuvrer pour le salut*. Moines, chanoines et frères dans la péninsule Ibérique au Moyen Âge. Madrid, Casa Velázquez, 2019, pp. 39-54

⁷⁵ RICO, Francisco. “La clerecía del mester” In: *Hispanic Review*, 1985, n. 53, pp. 1-23 e 127-150, p. 135.

em resposta a algum pedido, seja dos irmãos do convento de Zamora ou de algum superior da Ordem dos Menores.

Mas o prólogo não contém só *topoi*. Desta forma, ele se inicia com um parágrafo, que corresponde a cerca de metade do texto, que apresenta uma reflexão centrada na figura de Cristo, a partir da passagem bíblica "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".⁷⁶ Esse trecho é praticamente idêntico ao que se encontra na parte final do livro *De Preconiis Hispanie*, também de autoria de João Gil de Zamora, redigido por volta de 1278-1282 e dedicado a Sancho, o futuro rei de Castela:

Sobre essas e outras notáveis e cautelosas disciplinas militares, considero suficiente o exemplo escrito em meus livros sobre História Civil, e o diviníssimo Moisés inspirado pelo Espírito Divino, escreveu muitas coisas sobre as quais abordamos em nosso livro mencionado acima e no nosso livro das eras, onde conciliamos o civil e o canônico, liderados por Jesus Benigno, que é o caminho, a verdade e a vida. Caminho pela humildade em sua encarnação, verdade por sua iluminação na pregação, vida por sua misericórdia na paixão. Caminho entre os patriarcas, verdade entre os profetas, vida entre os apóstolos. Caminho para que não andemos errantes, verdade para que não sejamos enganados e vida para que não morramos. Caminho sem erro para os penitentes, verdade sem falsidade para os que buscam, vida sem morte para os que resistem. Caminho sob forma de guia da moral, verdade como distinção dos méritos, vida como disposição dos prêmios. Caminho que conduz à verdade, verdade que promete a vida, vida que dá [vida]. Também: caminho para os errantes, verdade para os que o encontram, vida para os que nele permanecem. Também: caminho para seguir, verdade que não engana, vida que não conhece o fim. Também caminho que não se extravia, a verdade que não falha, vida que não falta e na qual se digna a nos conduzir o benigno filho de Deus, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina. Deus por infinitos séculos. Amém.⁷⁷

Como apontado, João Gil tinha a prática de reutilizar materiais retirados de suas obras para incluir em outras de sua autoria. Nesse caso em particular, ele usou o parágrafo que finaliza um livro e o transportou para o início de outro. No *De Preconiis Hispanie*, o sentido dessa reflexão é realçar que Cristo dirigiu a redação de suas obras, nas quais ele conciliou o civil e o canônico. No legendário, a intenção parece ser uma apresentação de Jesus como aquele que sintetiza em si diversas virtudes e

⁷⁶ João 14, 6.

⁷⁷ De hiis et aliis militaris discipline notabilibus et cautelis, exempli causa satis arbitrator fuisse scriptum in libris meis De historia civili, et divinissimus Moyses, afflatus Divino Spiritu, multa scripsit de quibus mentio similiter fuit facta in libro nostro superius memorato et in Libro nostro de etatibus, ubi civilia et canonica concordavimus, Almifluo Ihesu duce qui est via, veritas et vita. Via per humilitatem in incarnatione, veritas per illuminationem in predicatione, vita per charitatem in passione. Via in Patriarchis, veritas in Prophetis, vita in Apostolis. Via ne erremus, veritas ne decipiamur, vita ne moriamur. Via sine errore penitentibus, veritas sine falsitate querentibus; vita sine morte permanentibus. Via in regimine morum. Veritas in discretione meritorum, vita in dispositione premiorum. Via que ad veritatem ducit, veritas que vitam promittit, vita quam dat; vel via errantibus, veritas invenientibus, vita permanentibus; vel via qua itur, veritas ad quam itur, vita in qua statur; vel via non errans, veritas non fallens, vita indeficiens ad quam nos perducere dignetur Almifluus Dei Filius qui cum Patre et Spiritu Sancto vivit et regnat, Deus per infinita secula. Amen. CASTRO Y CASTRO (ed.), op. cit., p. 376. Tradução livre feita pela autora do artigo.

tradições, bem como guia os fiéis. Nele, a exposição é arrematada com a frase que expressa o desejo do narrador de “chegar ao conhecimento desse caminho, desta verdade e desta vida”.

Qual o objetivo de incluir essa reflexão no prólogo? Ainda não tenho uma resposta totalmente conclusiva, mas algumas propostas. Na minha leitura, João Gil tinha algumas metas: reforçar a concessão que fez à brevidade como uma forma de serviço aos seus irmãos, meio pelo qual buscava a aprovação divina; realçar o caráter fundamental de Cristo na produção de seu escrito, mesmo ele sendo letrado e conhecedor de diferentes assuntos, como música, história natural e retórica; salientar o caráter cristocêntrico dos conteúdos das LS, as festividades celebradas pela Igreja Romana; dialogar com a comunidade judaica de Zamora ou combater alguma ideia vista pelo autor como herética; associar o Cristo a Francisco e os menores.

Na última frase do prólogo, o narrador diz “seguir o costume”. Mas a qual costume se refere? A já consolidada tradição dos legendários abreviados mendicantes? Essa expressão, na minha interpretação, não se refere à nova modalidade literária, mas à forma de organização adotada pelo autor em suas obras: a ordem alfabética. Essa maneira de estruturação foi uma inovação, pois ao invés de seguir o calendário litúrgico, como fizeram João de Mailly, Bartolomeu de Trento, Rodrigo de Cerrato e Tiago de Voragine, João Gil optou por manter o estilo já aplicado em seus escritos anteriores. Ele expõe essa escolha indiretamente, ao informar que oferecerá primeiro os títulos “que começam pela letra A” e, depois, os textos das legendas.

O narrador finaliza o prólogo empregando a *captatio benevolence*, ao salientar que serão incluídas narrativas segundo o limite de suas forças. Como é salientado no prólogo, para compor as LS, foram extraídas da História canônica e civil “algumas coisas”, o que permite supor que o conteúdo do legendário foi fruto de escolhas deliberadas. Assim, mesmo que se trate de um *topos*, seu uso também foi um recurso para proteger o frade de eventuais críticas quanto à seleção de temas e edições que realizou nos textos.

Além do que se encontra indicado diretamente, o que o prólogo pode revelar sobre os franciscanos, em particular na Península Ibérica? No atual estágio da minha pesquisa, destaco três aspectos.

Os dois primeiros estão intimamente ligados: o valor dado à pregação entre os menores e a necessidade de produzir material com o duplo sentido de instrução e consulta. A expansão dos franciscanos foi intensa já no século XIII e ocorreu diretamente ligada à pregação, que era um dos elementos centrais da espiritualidade franciscana, como evidenciado pela Regra Bulada. Ela era

realizada em duplas, muitas vezes distantes dos conventos, o que exigia deslocamentos. Era necessário, portanto, que os frades detivessem conhecimentos sobre a Bíblia, os sacramentos, a liturgia, etc. que deveriam ser incluídos nas pregações para que “suas palavras [sejam] para a utilidade e edificação do povo/ eorum eloquia ad utilitatem et aedificationem populi”.⁷⁸

Como nem todos os frades eram enviados aos *Studia Generali*, certamente cabia aos que obtinham maior formação instruir aos demais, seja atuando como professores ou produzindo obras, com evidente objetivo pedagógico, que poderiam ser usadas pelo conjunto dos irmãos. Neste sentido, além do próprio exemplo de João Gil, podemos citar Antônio de Pádua, que obteve sua formação junto aos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho antes de tornar-se franciscano, recebeu do próprio Francisco a missão de ensinar os irmãos e compôs os Sermões que, como destaca Rema, “se destinavam aos futuros professores e pregadores da nascente Ordem dos Frades Menores”.⁷⁹

O terceiro aspecto a sublinhar foi a intensa troca de materiais e modelos literários entre as ordens mendicantes franciscana e dominicana. O legendário egidiano é um caso isolado, considerando o universo franciscano.⁸⁰ Todos os demais legendários abreviados do século XIII conhecidos – a segunda edição do legendário de Mailly, o de Bartolomeu de Trento, o de Rodrigo de Cerrato e o de Tiago de Vorágine - foram compostos por frades pregadores. Como discutido no decorrer do artigo, João Gil seguiu a tendência literária dos legendários abreviados iniciada em fins do século XII e incorporou *topoi* consolidados nessas obras durante o século XIII. Além disso, os legendários dominicanos, como análises comparativas permitem concluir, também foram fontes fundamentais do zamorano. Ele incorporou, ao longo de seu texto, trechos de alguns desses livros, sobretudo da *Legenda Aurea*.⁸¹ Ou seja, ainda que concorrentes em alguns momentos, certamente houve trocas de ideias e obras entre os frades menores e pregadores, ao menos na Península Ibérica, como as LS permitem concluir.

João Gil, ainda que tenha redigido um prólogo seguindo o modelo já consolidado, não se exime de fazê-lo de forma criativa, introduzindo outros elementos. Ele certamente teve contato com os legendários dominicanos, e compôs uma obra, provavelmente por demanda, para auxiliar na

⁷⁸ Regra Bulada, cap 9, 3. Disponível em <encurtador.com.br/sBJQW>. Acesso em 03jun22.

⁷⁹ REMA, Henrique Pinto, OFM. (ed). *Santo Antônio de Lisboa. Biografias- Sermões*. Braga, Editorial Franciscana, 1998. (Fontes Franciscanas, 3), p. 6.

⁸⁰ Por reunir a narrações, em forma de diálogos, sobre a trajetória e milagres de diversos frades menores, a obra *Dialogus de Gestis Sanctorum Fratrum Minorum*, cujo autor não é conhecido, pode ser vista como uma espécie de legendário. Contudo, seu conteúdo não se relaciona ao calendário litúrgico.

⁸¹ Sobre o tema ver os artigos citados na nota 52, bem como a introdução das LS. JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende sanctorum...*, op. cit, pp. 36-71.

formação dos seus irmãos, e que aponta para as trocas entre as ordens mendicantes, bem como o valor dado pelos frades menores à instrução dos irmãos objetivando a pregação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os prólogos medievais têm atraído a atenção dos pesquisadores, sobretudo nos últimos 20 anos, após a publicação das atas do colóquio sobre o tema, publicadas em 2000. Neste sentido, diversas edições críticas foram preparadas e estudos realizados, com foco em aspectos formais; fontes; a relação entre traduções e formulações de prólogos e destes com textos historiográficos, dentre outros temas. Porém, a despeito dos avanços, tal gênero literário suscita muitas questões que ainda não foram exploradas.

Especificamente sobre os prólogos dos legendários abreviados, há alguns trabalhos de Dolbeau. Destes, destaca-se o capítulo que compõe as atas de 2000. Nele, além de apresentar uma tipologia de legendários e de sublinhar as diferenças entre eles, realiza um estudo sobre os prólogos. Ele demonstra como os prólogos são raros nos legendários tradicionais, enquanto se tornam frequentes nos abreviados, a ponto de surgir um modelo no século XIII. Com o desenvolvendo dos legendários de tipo enciclopédico, o prólogo se mantém, mas como a preocupação central de tais produções era responder demandas institucionais, não mantém o modelo consolidado nem constituem outro topos.

Dentre os muitos materiais que Dolbeau analisa e publica, porque realiza uma abordagem mais geral, encontra-se o prólogo do legendário abreviado de João Gil. Para o autor, o frade zamorano seguiu o modelo já estabelecido para compor o seu prólogo, fazendo, porém, uma concessão à brevidade, que não considera como uma utilidade, mas uma necessidade.

Meu propósito foi apresentar as reflexões relacionadas a uma análise historiográfica do prólogo egidiano, considerando seu contexto de produção e propondo uma tradução do texto para o português. João Gil foi um frade letrado, que viveu na segunda metade do século XIII, que atuou como professor e ocupou cargos de direção entre os Menores.

Por meio da análise, identifiquei que João Gil optou por incluir um título repleto de informações, além do próprio prólogo, no qual ele combinou os *topoi* indicados pelo estudo de Dolbeau - praticidade, necessidade, pobreza e brevidade - com aspectos mais particulares. Concordo com a interpretação do estudioso francês que, quanto à brevidade, o zamorano fez uma concessão.

Mas, além disso, por meio do prólogo, realçou a sua capacidade intelectual, destacou o papel central de Cristo na sua produção; enfatizou a identidade franciscana; protegeu-se de críticas quanto às suas opções; indicou sua escolha pela ordem alfabética.

O prólogo redigido por João Gil também permite concluir a importância dada à instrução dos irmãos franciscanos e o papel ocupado pelos livros nesse processo, que exigia o envolvimento dos frades letrados. Pelo uso do modelo e conteúdo dos capítulos, também é possível apontar que houve, ao menos pelo zamorano, acesso aos legendários abreviados dominicanos, o que influenciou a composição de suas LS.